

Pedagogia do aprender a aprender: uma forma de superação de problemas ou a permanência deles

(Pedagogy of learning to learn: a way of overcoming problems or tarrying)

Amine Sales Buzzo¹; Vanessa Cristina Treviso²

¹ (G) Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro SP
lilibuzzo@bol.com.br

² (O) Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro SP
vctre@ig.com.br

***Abstract.** This research studies the pedagogy of learning to learn, with reference to capitalist society. After this pedagogy application of verification in schools and the implications in the learning process, we study the critical produced by Newton Duarte, pointing out the negative effects of this pedagogy. Accordingly, it is expected to show the importance of historical-critical theory and the role of the teacher in the student development. The considerations refer to the ideal that historical-critical theory contributes to the formation of reflective citizen, and Professor key role in this process, acting as a mediator.*

***Keywords.** Pedagogy of learning to learn; Teaching and learning; Historical-critical pedagogy*

***Resumo.** Esta pesquisa estuda a pedagogia do aprender a aprender, tendo como referência a sociedade capitalista. Após verificação da aplicação dessa pedagogia no âmbito escolar e as implicações no processo ensino aprendizagem, estuda-se a crítica produzida por Newton Duarte, apontando os efeitos negativos dessa pedagogia. Nesse sentido, esperar-se mostrar a importância da teoria histórico-crítica e o papel do professor no processo de desenvolvimento do aluno. As considerações encaminham para o ideal de que a teoria histórico-crítica contribui para a formação do cidadão reflexivo, tendo o professor papel fundamental nesse processo, atuando como mediador.*

***Palavras-chave.** Pedagogia do aprender a aprender; Ensino-aprendizagem; Pedagogia Histórico-crítica.*

1 Introdução

O estudo foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2009), é o primeiro passo para qualquer pesquisa, possibilita o contato com livros e artigos e beneficia a elaboração dos resultados. Vai analisar a pedagogia do aprender a aprender de modo a identificar os resultados de sua aplicação no âmbito escolar, visa ainda, elaborar uma crítica à prática dessa pedagogia, que retirou a missão da escola de ensinar e propor uma alternativa aplicável que supere os problemas encontrados.

Na primeira seção é analisada a ligação do aprender a aprender com a sociedade capitalista, a formação do indivíduo e o processo ensino-aprendizagem.

Na segunda seção, investiga-se a crítica produzida por Newton Duarte sobre o aprender a aprender, refletindo o objetivo dessa pedagogia e os desdobramentos da sua prática na sociedade capitalista.

Na terceira seção, o objetivo é buscar alternativas para a superação da pedagogia do aprender a aprender, analisando a teoria histórico-crítica e o papel do professor com bases nessa teoria e suas contribuições para a melhoria da educação.

2 O que é a pedagogia do aprender a aprender

Segundo Duarte¹ (2001a), a pedagogia do aprender a aprender e o escolanovismo valorizam tudo aquilo que o indivíduo aprende sozinho a partir do conhecimento de outras pessoas. O indivíduo aprende pesquisando trabalhos realizados por diferentes estudiosos, assim, construindo o conhecimento por si só sem a ajuda do educador.

Desse modo, essa pedagogia pretende preparar o indivíduo para a sociedade que está em constante transformação. Tendo como base o conhecimento prévio do aluno, é necessário incentivá-lo a buscar novos conhecimentos e desse modo, passa a ser capaz de se adequar a essas mudanças sociais. Sendo assim, a metodologia utilizada pela pedagogia do aprender a aprender se encaixaria nos dias atuais, em que as transformações ocorrem cotidianamente, no

¹ Newton Duarte considera que a pedagogia do aprender a aprender tem como objetivo a compreensão das questões escolares no que se refere o processo histórico e o professor nesse espaço tendo a função de refletir seu papel e sua prática. (DUARTE, 2001b).

entanto, a busca de conhecimento aconteceria sem a mediação da escola e passaria a ser feita apenas pelo aluno.

Nessa perspectiva, o aprender a aprender significa a adequação da educação à sociedade capitalista, pois existe uma busca constante por conhecimentos que exigem cada vez mais do indivíduo moderno, superando a educação tradicionalista, característica de uma sociedade estática (DUARTE, 2001a).

Vive-se em um país capitalista que passa por várias mudanças tecnológicas e por isso surge necessidade de alteração no modelo educacional. O país vem promovendo ajustes na economia, que são as reformas sociais e educacionais por conta de uma sociedade capitalista. Nesse sentido Saviani (1994) afirma que:

[...] se trata de uma sociedade baseada na cidade e na indústria, se a cidade é algo construído, artificial, não mais algo natural, isto vai implicar que esta sociedade organizada à base do direito positivo também vai trazer consigo a necessidade de generalização da escrita. Até a Idade Média, a escrita era algo secundário e subordinado a formas de produção que não implicavam o domínio da escrita. Na Época Moderna, a incorporação da ciência ao processo produtivo envolve a exigência da disseminação dos códigos formais, do código da escrita. O direito positivo é um direito registrado por escrito, muito diferente do direito natural que é espontâneo, transmitido pelos costumes. O domínio da escrita se converte, assim, numa necessidade generalizada. Com efeito, já que não existe ciência oral (a ciência implica em registro escrito), ao incorporar a ciência a cidade incorpora, na sua forma de organização, a exigência do domínio da escrita [...] (SAVIANI, 1994, p. 5)

Essas bases pedagógicas ajudam no desenvolvimento do indivíduo, e possibilita a aquisição de habilidades exigidas no mercado de trabalho, sendo isso, um dos principais motivos para o desenvolvimento da pedagogia do aprender a aprender.

O conhecimento hoje é extremamente acessível a todos, é algo subjetivo e cultural. Vigotski (1998) defende que o processo de apropriação da cultura pelos indivíduos é livre, permitindo reproduzir nos homens as aptidões e funções humanas historicamente determinadas.

A formação do indivíduo é um passo grande no processo educativo e a educação escolar tem um papel decisivo, pois transforma o conhecimento empírico em conhecimento científico, torna real a aquisição dos conhecimentos construídos ao longo do tempo.

O conhecimento não é nada mais que a realidade pelos pensamentos, ele passa por um processo que surge do concreto para o abstrato para ser compreendido em todas as dimensões na Psicologia.

A educação para ser mostrada para uma criança tem que vir de conhecimentos de um adulto desenvolvido e com uma caixa de informações reais, isso é fundamental. Segundo Duarte (2001a), esse processo educativo tem que ter interação de trabalhos desenvolvidos nas escolas e não individualmente. Diante desse pensamento o coletivo é mais importante.

Segundo Sala (2009), a educação é algo que se desempenha frente à prática social. Desse modo, a educação deve acompanhar o desenvolvimento da sociedade.

As relações entre ideia e trabalho tem o objetivo de centralizar tanto nas pedagogias burguesas e críticas, fazendo com que o papel da educação se encaixe na sociedade.

A pedagogia do aprender a aprender e o construtivismo são propostas importantes para as pedagogias que nos rodeiam. Segundo Duarte (2001a), tal movimento ganha força justamente no interior do aguçamento do processo de mundialização do capital e da difusão na América Latina do módulo econômico político e ideológico neoliberal, e também seu correspondentes no plano teórico, o pós-modernismo e o pós-estruturalismo. No entanto, o autor afirma que esse pensamento se traduz na sociedade do conhecimento, como sendo uma ideologia produzida com bases no capitalismo e que seu objetivo é o de:

[...] enfraquecer as críticas radicais ao capitalismo e enfraquecer a luta por uma revolução que leve a uma superação radical do capitalismo, gerando a crença de que essa luta teria sido superada pela preocupação com outras questões “mais atuais”, tais como a questão da ética na política e na vida cotidiana, pela defesa dos direitos do cidadão e do consumidor, pela consciência ecológica, pelo respeito às diferenças sexuais, étnicas ou de qualquer outra natureza (DUARTE, 2001a, p. 39)

É nesse quadro de luta imensa do capitalismo por sua perpetuação, que o lema “aprender a aprender” é apresentado como palavra de ordem que caracterizaria uma educação democrática (DUARTE, 2001b).

Diante do exposto, observa-se que a sociedade atual demonstra a necessidade do aprender a aprender, esperando suprir as deficiências do mercado de trabalho que exige do seu funcionário iniciativa na resolução dos problemas.

Segundo Tedesco (2001), o indivíduo tem que se tornar flexível e suprir as exigências da educação, pois as empresas modernas exigem que as pessoas tenham um bom desenvolvimento de capacidades e habilidades.

Nessa perspectiva, o autor ressalta que não existe dúvida de que as capacidades requeridas pelos setores da atividade produtiva são exigidas diretamente da atividade educativa (TEDESCO, 2001).

Portanto, a capacidade de pensar deve ser desenvolvida e trabalhada no campo da vida política, cultural e social, abordando múltiplos aspectos.

O indivíduo ao longo da vida vai acumulando conhecimentos e a educação deve ter o papel qualitativo, pois as informações acumuladas devem ser transformadas e o conhecimento apropriado pela criança. O conhecimento tem que ser explorado e atualizado. O processo de aprendizado nunca pode acabar, deve-se sempre informar enriquecendo o conhecimento existente e dessa forma evoluir (SERRA, 2009).

O papel da educação é um fator muito importante para o desenvolvimento social. A presença da ciência e tecnologia tem um papel muito relevante no mundo em que se vive, assim busca uma aprendizagem permanente, com vistas na cidadania e no papel que se assume na sociedade.

Segundo o PCNEM (Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio) afirma, assim, como a própria LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que é preciso vincular a formação “escolar” ao mercado de trabalho e à vida social (Art. 1 § 2º da Lei nº. 9.394), acrescentando que essa vinculação é orgânica e deve contaminar toda prática educativa escolar (BRASIL, 2000).

O conhecimento de ser passado de forma clara pela escola e desse modo fazer com que o aluno tenha subsídios suficientes para se desenvolver socialmente.

Independente das origens e classes sociais, os indivíduos devem ser preparados igualmente para a perspectiva de trabalho. Com a valorização do que se aprende no cotidiano, e os saberes escolares devem estar vinculados à vivência dos alunos.

Para a continuidade do processo de aprendizagem, devem-se relacionar três conteúdos: vida pessoal, cotidiano e convivência. Desse modo, a aquisição do conhecimento será significativa e relevante para o discente, transformando o processo em caráter consciente.

Esses discursos pedagógicos mostram a capacidade de produção de cada um como protagonista no seu desenvolvimento, sendo assim é necessário a adaptação da educação à sociedade contemporânea.

Nessa perspectiva Sala (2009) cita Silva Jr, quando afirma que:

Assim, ao localizar o paradigma do trabalho no âmbito da escola e do desenvolvimento profissional, coloca-se diretamente para a escola, como contexto formador o trabalho abstrato e a economia capitalista, não apenas externamente como uma submissão da educação a esses elementos, mais do que isso, tanto a economia capitalista quanto o trabalho abstrato são produzidos para dentro da esfera educacional e da escola na condição de elementos centrais para dar significado a

esfera social e a esta instituição, bem como para o exercício da tão falada cidadania (SILVA JR apud SALA, 2009, p.6).

A pedagogia do aprender a aprender mostra a questão do conhecimento escolar (MIRANDA apud SALA, 2009).

A tecnologia e a globalização fazem com que o conhecimento sofra modificações, dessa forma é necessária a valorização pessoal do indivíduo, não levando em conta apenas o cognitivo.

O aprender a aprender atende às necessidades econômicas atuais, pois ele se adapta ao conhecimento existente, nesse sentido é preciso não só fazer, e sim o saber fazer, buscando informações, resultados de forma adaptativa ao ambiente.

Sala (2009) afirma que a pedagogia do aprender a aprender de certa forma beneficia mais as classes favorecidas, pois eles têm mais recursos financeiros para se atualizar, aprender e também dispõe de mais tempo para se dedicar ao conhecimento.

Refletindo sobre o que é o aprender por aprender, observa-se a necessidade de investigar a visão de Duarte sobre esse tema, um dos maiores críticos atuais dessa pedagogia.

3 Porque essas pedagogias são criticadas por Duarte.

Segundo Duarte (2001b), as crianças não precisam aprender a aprender, elas já nascem com essa capacidade e recursos, conseguindo compreender coisas sem que ninguém ensine.

A sociedade atual exige cada vez mais da educação escolar e dela depende a formação do cidadão capacitado para atuar no meio político e social.

Libâneo (1998) afirma a necessidade de:

[...] superação da especialização excessiva, portanto, de maior ligação teoria-prática, maior ligação da ciência com suas aplicações. A ideia é de que não se trata de conhecer por conhecer, mas de ligar o conhecimento científico a uma cognição prática, isto é, de compreender a realidade para transformá-la (LIBÂNEO, 1998, p. 3).

Nesse sentido Duarte (2001b) expressa seu conceito de aprender a aprender:

Isso porque o lema “aprender a aprender” é por nós interpretado como uma expressão inequívoca das proposições educacionais afinadas com o projeto neoliberal, considerado projeto político de adequação das estruturas e instituições

sociais às características do processo de reprodução do capital no final do século XX (DUARTE, 2001b, p. 3).

Sendo assim, na visão do autor, a expressão aprender a aprender é interpretada de maneira errônea, pois o objetivo inicial era solucionar os problemas da sociedade, no entanto, acabaram por perpetuar as injustiças resultantes do capitalismo.

O autor afirma que as pedagogias que têm como tema o aprender a aprender, retiram da escola a responsabilidade de ensinar, impossibilitando ao aluno o acesso à verdade.

O indivíduo tem que receber uma educação que o possibilite cumprir com as obrigações, desenvolvendo suas habilidades no mercado de trabalho.

A educação na sociedade atual deve permitir flexibilidade, de modo que a adaptação ocorra de forma natural perante as transformações ocorridas.

Para melhor compreendermos o ato de aprender nessa perspectiva do sujeito/grupo, sujeito/mundo consideramos de grande valia trazer como referência a técnica do Grupo Operativo criada por Pichon-Rivière, estabelecida como um instrumento a ser utilizado no campo da clínica e de situações educativas, as quais podem estar articuladas, com um denominador comum que é a aprendizagem, considerando, dessa forma, a proposta de aprender a aprender, aprender a pensar integrando estruturas afetivas, conceituais e de ação, ou seja, o pensar e o fazer no processo cognitivo. (PICHON-RIVIÈRE apud PEREIRA,2010)

A pedagogia do aprender a aprender tem o objetivo de nos aplicar a capacidade de aprendizagem a todos os domínios da vida social e profissional.

A pedagogia que decorria da filosofia da essência na antiguidade grega não sofria muitos problemas políticos, na medida em que o homem era considerado livre, porém os escravos não eram considerados seres humanos e essa essência só era aplicada em homens livres. Na Idade Média essa concepção essencialista recebeu inovações e visava à criação humana, assim seus destinos já eram definidos previamente (SAVIANI, 2002)

Ocorre, então, uma mudança na época moderna por conta da produção capitalista e assim a burguesia se manifesta como uma classe revolucionária para defender a essência como um todo.

Quando passa a ocorrer mudanças na classe burguesa, é nesse sentido que ela não está mais na linha do desenvolvimento da história, aí que a pedagogia da essência muda para a da existência, somos diferentes uns dos outros. A pedagogia da essência é, segundo Saviani (2002) a pedagogia tradicional, em que o centro é o intelecto, o conhecimento e a essência.

Para o autor a pedagogia da existência é comparada a pedagogia nova e tem como centro a vida, a atividade e a existência.

Duarte (1998) pretende superar a pedagogia da essência e a pedagogia da existência e a partir da análise do trabalho educativo e suas implicações de modo a propor uma nova pedagogia que se sobreponha às outras.

O autor cita Saviani quando define o ato de ensinar:

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (DUARTE, 1998, p.1).

Desse modo, é possível afirmar que a pedagogia do aprender a aprender se distancia da definição do ato de ensinar aqui apresentado, pois o ato de ensinar é definido como direto e intencional ao aluno. Essa pedagogia acaba por retirar da escola a responsabilidade de transmitir o conhecimento objetivo, transmitindo essa missão para o próprio aluno.

Nesse sentido, a intencionalidade da educação, segundo Duarte (1998), prioriza a relação educador-educando.

O trabalho educativo é, portanto, uma atividade intencionalmente dirigida por fins. Daí o trabalho educativo diferenciar-se de formas espontâneas de educação, ocorridas em outras atividades, também dirigidas por fins, mas que não são os de produzir a humanidade no indivíduo. Quando isso ocorre, nessas atividades, trata-se de um resultado indireto e inintencional. Portanto, a produção no ato educativo é direta em dois sentidos. O primeiro e mais óbvio é o de que se trata de uma relação direta entre educador e educando. O segundo, não tão óbvio, mas também presente, é o de que a educação, a humanização do indivíduo é o resultado mais direto do trabalho educativo. Outros tipos de resultado podem existir, mas serão indiretos (DUARTE, 1998, p. 3).

Nessa perspectiva, o desenvolvimento do aluno ocorre por meio de um processo intencional e dirigido.

Diante do exposto o autor afirma que a “Escola de Vigotski” criou um trabalho prático e teórico com bases no processo educativo que tem por objetivo dirigir, guiar o aluno, e que não é possível um desenvolvimento espontâneo e natural. A figura do professor é fundamental nesse processo (DUARTE, 1998, p. 3).

Nesse sentido o autor menciona a Escola de Vigotski da seguinte maneira:

Escola de Vygotsky não é mencionada, com muita frequência, como uma escola *histórico-cultural*; referências mais frequentes são feitas à teoria psicológica da atividade, desenvolvida por essa escola. Em certo sentido, é assim que deve ser, já que, por muitos anos, os representantes dessa escola trabalharam principalmente sobre o problema da ação e da atividade (por exemplo, os problemas da estrutura da atividade, da estrutura das ações perceptivas, mnemônicas e intelectuais, etc.), o que indubitavelmente representou uma grande conquista por parte dos representantes da Escola de Vigotski. Portanto, a teoria psicológica da atividade é um novo e legítimo estágio no desenvolvimento da teoria histórico-cultural. (DAVYDOV; ZINCHENKO apud DUARTE, 1996, p. 24-25)

Postas as críticas de Duarte, em que esta retira da escola a responsabilidade de ensinar e principalmente privilegia as camadas da sociedade mais favorecidas, desse modo cabe agora analisar formas de superação dessa pedagogia.

4 O que supera essa pedagogia do aprender a aprender?

É preciso encontrar alternativas que superem a pedagogia do aprender a aprender, nesse sentido, Saviani (2008) afirma que:

[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (SAVIANI, 2008, p. 13).

Nessa perspectiva é preciso identificar uma metodologia adequada que possibilite ao indivíduo a aquisição dos elementos culturais.

Segundo Saviani (2008, p.65), a pedagogia histórico-crítica é muitas vezes interpretada de forma incorreta pelos profissionais da educação e por isso há a necessidade de ser discutida. O autor ressalta que essa pedagogia “[...] procura articular um tipo de orientação pedagógica que seja crítica sem ser reprodutivista [...]”.

[...] O lema “aprender a aprender” é a forma alienada e esvaziada pela qual é captada, no interior do universo ideológico capitalista, a necessidade de superação do caráter estático e unilateral da educação escolar tradicional, com seu verbalismo, seu autoritarismo e seu intelectualismo. A necessidade de superação das formas unilaterais de educação é real, objetivamente criada pelo processo social, mas é preciso distinguir entre a necessidade real e as formas alienadas de proposição de

soluções para o problema. O lema “aprender a aprender”, ao contrário de ser um caminho para a superação do problema, isto é, um caminho para uma formação plena dos indivíduos, é instrumento ideológico da classe dominante para esvaziar a educação escolar destinada à maioria da população enquanto, por outro lado, são buscadas formas de aprimoramento da educação das elites (DUARTE, 2006, p. 8).

Nesse sentido, o autor afirma que o aprender a aprender foi criado na intenção de superar a educação tradicional, no entanto funcionou como instrumento das classes favorecidas a fim de manter seus benefícios.

Duarte (2006) salienta que para resistir a esse processo a educação deve superar as manipulações da elite capitalista que fazem com que uma parcela da população se torne miserável materialmente e intelectualmente. Afirma, ainda, que o capitalismo generaliza o desemprego e que o lazer não é acessível a todos, sendo espaço privilegiado e que aliena as pessoas, pois as pessoas não tendo condições financeiras de adquirir cultura ficam restritas ao que é oferecido pela mídia sendo alienados por ela, tornando essas pessoas vazias, capazes de pensar somente com bases nos moldes dos estereótipos impostos pela moda.

Diante dessa perspectiva, o autor afirma que a pedagogia histórico-crítica é uma alternativa, pois defende que o papel da escola é socializar o conhecimento construído historicamente.

Nesse sentido, a escola deve oferecer uma educação que retire o aluno da alienação provocada pela cultura de massa.

No que diz respeito ao tema por nós aqui abordada, à resistência ativa deve enfrentar todas as medidas que buscam impedir a escola de realizar seu papel de socialização do domínio do saber objetivo nas suas formas mais desenvolvidas. Assim, contra uma educação centrada na cultura presente no cotidiano imediato dos alunos; contra uma educação voltada para a satisfação das necessidades imediatas e pragmáticas impostas pelo cotidiano alienado dos alunos, devemos lutar por uma educação que produza nesse alunos necessidades de nível superior, necessidades que apontem para um efetivo desenvolvido da individualidade como um todo contra uma educação apoiada em concepções do conhecimento humano como algo particularizado, fragmentado, subjetivo, relativo e parcial que, no limite, negam a possibilidade de um conhecimento objetivo e eliminam de seu vocabulário a palavra verdade, devemos lutar por uma educação que transmita aqueles conhecimento que, tendo sido produzidos por seres humanos concretos em momentos históricos específicos, alcançaram validade universal e, dessa forma, tornaram-se mediadores indispensáveis na compreensão da realidade social e natural o mais objetivamente que for possível no estágio histórico no qual encontra-se atualmente o gênero humano (DUARTE, 2006, p.10).

A pedagogia histórico-crítica toma forma mais clara, no Brasil, passando a ser estudada sistematicamente, no ano de 1979, em que surge uma necessidade de reforma

pedagógica, ou seja, a superação da educação tradicionalista, a pedagogia histórico reprodutivista, que se perde na questão histórica, e a educação oferecida pela escola nova em que o aprender a aprender era fortemente difundido.

Saviani (2008) define como tarefa da pedagogia histórico-crítica em analogia à educação escolar:

- a) Identificação das formas mais desenvolvidas em que se expressa o saber objetivo produzido historicamente, reconhecendo as condições de sua produção e compreendendo as suas principais manifestações, bem como as tendências atuais de transformação.
- b) Conversão do saber objetivo em saber escolar, de modo que se torne assimilável pelos alunos no espaço e tempo escolares.
- c) Provimento dos meios necessários para que os alunos não apenas assimilem o saber objetivo enquanto resultado, mas apreendam o processo de sua produção, bem como as tendências de sua transformação (SAVIANI, 2008, p. 9).

Desse modo, não basta apenas transferir o saber, é necessário compreender seu processo de construção e apresentar ao aluno, possibilitando a ele a reflexão de todo o procedimento.

O aluno tem que ter diálogo com o professor, esse contato é fundamental, pois o aluno não é um ser individual e o professor deve atuar como mediador do conhecimento.

Saviani (1994) diz que a escola assumiu todas as responsabilidades educativas e outras ainda que são nomeadas atividades extracurriculares. A educação escolar tornou-se dominante perante outras formas de educação.

Duarte (1998) cita Saviani quando fala que a pedagogia do aprender a aprender rebaixou o nível de ensino oferecido às classes populares, pois estes ficaram restritos à educação profissionalizante.

É possível afirmar, então, que a o aprender a aprender não torna o indivíduo crítico, ele afasta o aluno do saber objetivo e rebaixa o professor a um papel insignificante no processo de aprendizagem. Já a pedagogia histórico-crítica faz com que o professor seja mediador na aquisição do saber construído historicamente, aproximando o aluno da verdade, não de maneira imposta, mas de modo que a da apropriação seja significativa, promovendo a compreensão do conteúdo.

5 Considerações finais

Com bases nos estudos realizados, identifica-se o capitalismo como o causador do surgimento da pedagogia do aprender a aprender, pela necessidade de superação da pedagogia tradicionalista, sendo assim buscava-se tornar o aluno capacitado para viver em uma sociedade dinâmica que passa por transformações cotidianas. No entanto, essa educação acabou por esvaziar o processo educacional e reproduzir as desigualdades.

Duarte (2001b) lembra que o pensamento do aprender a aprender foi interpretado de maneira equivocada, na tentativa de superar os problemas da sociedade capitalista, no entanto, sua aplicação favoreceu a reprodução do capitalismo e suas injustiças.

Essa pedagogia fez com que a responsabilidade do educar se transferisse da escola para o próprio aluno, tirando do professor o papel de transmissor do conhecimento.

Partindo do conceito da pedagogia histórico-crítica, traz a reflexão de que esse seja o caminho para superar a pedagogia do aprender a aprender, pois a pedagogia histórico-crítica promove a mediação do saber por intermédio do professor e devolve à escola a responsabilidade de socializar o conhecimento objetivo historicamente construído.

Referências

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília, 2000
Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/par/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211>> Acesso em: 25 out 2015

DUARTE, N. A escola de Vigotski e a educação escolar: algumas hipóteses para uma leitura pedagógica da psicologia histórico-cultural. *Psicologia USP*, v. 7, n. 1-2, p. 17-50, 1996. <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1678-51771996000100002&script=sci_arttext&tlng=en> Acesso em: 25 nov. 2015

_____. *As pedagogias do “aprender a aprender” e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento*. 2001a. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n18/n18a04.pdf>> Acesso em: 25 out 2015

_____. *Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar*. *Cadernos Cedes*, v. 19, n. 44, p. 1-6, 1998.

_____. Conhecimento tácito e conhecimento escolar na formação do professor (por que Donald Schön não entendeu Luria). *Educação & Sociedade*, v. 24, n. 83, p. 601-625, 2003.

Disponível em: < CONHECIMENTO TÁCITO E CONHECIMENTO ESCOLAR NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR (POR QUE DONALD SCHÖN NÃO ENTENDEU LURIA)> Acesso em: 31 out 2015

_____. *Vigotski e o “aprender a aprender”*: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Autores Associados, 2001b.

LIBÂNEO, J. C. *Adeus professor, adeus professora?* novas exigências educacionais e profissão docente. Cortez, 1998.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2009

PEREIRA, D. S. C. O ato de aprender e o sujeito que aprende. *Constr. psicopedag.*, São Paulo, v. 18, n. 16, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 31 out. 2015.

SALA, M. *O “aprender a aprender” como formação de uma sociabilidade adaptativa: educação e trabalho nos parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio*. 2009. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, São Paulo.. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt5/sessao2/Mauro_Sala.pdf> Acesso em: 25 out 2015

SAVIANI, D. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política*. 35. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

_____. *O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias*. Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, p. 147-164, 1994. Disponível em: <http://ufpr.cleveron.com.br/arquivos/EP_104/dermeval_saviani.pdf> Acesso em: 25 out 2015

_____. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 10. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

TEDESCO, Juan. Carlos. *O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*. São Paulo: Ática, 2001

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.